

A CULTURA MOTORA COMO POLO ATRATOR DA MUDANÇA DA ESCOLA

Helder Lopes^{1,2,4}, Élvio Gouveia^{1,3}, Ana Correia¹, Ricardo Alves¹, João Prudente^{1,2}, Catarina Fernando^{1,2} & Ana Rodrigues¹

¹Departamento de Educação Física e Desporto, Universidade da Madeira.

²Centro de Investigação em Saúde, Desporto e Desenvolvimento Humano.

³LARSYS, Interactive Technologies Institute.

⁴E-mail: hlopes@staff.uma.pt.

RESUMO

A dimensão sociocultural e integradora do desporto é uma poderosa ferramenta de transformação da Escola. Como matéria de ensino, é um meio privilegiado da compreensão do mundo a partir da exploração e conhecimento dos limites do próprio corpo enquanto ser bio-psico-sociocultural.

Tendo em conta que a maioria dos alunos refere gostar das aulas de Educação Física (73.6%), numa percentagem superior aos que gostam da Escola (38.6%) (Lopes et al., 2018), com o Projeto “Educação Física nas Escolas da RAM – Compreender, Intervir, Transformar” criámos condições para uma abordagem transdisciplinar potenciando intervenções pedagógicas que desenvolvam de forma lúdica e competitiva, atitudes e valores transversais a diferentes contextos socioculturais.

INTRODUÇÃO

Em qualquer área científica e profissional, para que sejam encontradas respostas credíveis aos problemas que se pretendem resolverem, em função do conhecimento existente, dos contextos e dos objetivos visados, é fundamental saber perguntar e equacionar as diferentes alternativas que se colocam em cada situação.

Para que serve a Escola? Que Escola temos? Que Escola queremos? Que tipo de Homem queremos formar? São apenas algumas das questões que podem e devem ser colocadas quando equacionamos o Sistema Educativo.

Entre a multiplicidade de hipóteses de resposta, que muito facilmente se podem alicerçar em autores ditos de referência, de uma forma muito simplificada, diremos que para que se possa dar uma resposta coerente àquele tipo de questões é necessário que se comece por clarificar o que se entende por Educar.

Ora, no nosso caso defendemos que Educar é (ou deveria ser) desenvolver as capacidades e potencialidades de cada um (Lopes et al., 2018).

Desta forma, tendo em consideração a dimensão sociocultural e integradora do desporto, ele pode constituir-se como uma poderosa ferramenta ao serviço da Educação e inclusive de transformação da Escola, pois enquanto matéria de ensino, quando adequadamente utilizado é um meio privilegiado da compreensão do mundo a partir da exploração e conhecimento dos limites do próprio corpo enquanto ser bio-psico-sociocultural.

Contudo, apesar da denominada área das “Expressões” (Físico-Motora, Musical, Plástica, Dramática...) com a multiplicidade de princípios ativos que possui e dos comportamentos únicos que solicita, ser ao nível do discurso referenciada como uma das ferramentas nucleares num processo pedagógico que visa o desenvolvimento eclético do indivíduo, na prática parece ser um parente pobre do sistema de ensino, nomeadamente quando se continua a “endeusar” os exames de fim de ciclo e se híper valoriza tudo o que pode contribuir para uma subida nos rankings das escolas e afins.

ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA - ALGUMAS DISFUNCIONALIDADES

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Programme for International Student Assessment - PISA) é uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar (com exames de três em três anos a alunos de 15 anos de idade), coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), com vista a melhorar as políticas e resultados educacionais dos diferentes países.

Com tão altos propósitos, afinal o que é avaliado? Pasmese, apenas a Leitura, a Matemática e as Ciências!!!

Ou seja, o PISA menoriza (despreza) as “Expressões” e consequentemente dá uma indicação aos governos onde devem ou não investir ao nível do ensino básico e secundário, embora ao nível do discurso se valorize a formação integral do jovem.

A título de exemplo, como a flexibilidade curricular (em Portugal) não foi acompanhada de outras medidas, nomeadamente da reformulação do acesso ao ensino superior, que quase em exclusivo depende da avaliação do ensino secundário e dos seus exames finais que se constituem como provas de acesso, é natural que exista a tendência para utilizar essa flexibilidade para reforçar as disciplinas ditas nobres... com todas as disfuncionalidades que isso acarreta...

Contudo, aparentemente parece que não se passa nada e que a valorização política (e não só) excessiva que é dada aos referidos exames é para continuar. Pelo menos, enquanto continuarmos a subir no respetivo ranking.

Mas será que estamos satisfeitos com a Escola que temos? Quem é que efetivamente está satisfeito com a Escola?

No que respeita ao grau de satisfação dos professores, não nos iremos debruçar nesta nossa reflexão, até porque são por demais evidentes os indicadores do seu descontentamento profissional e algumas das consequências que daí advêm nomeadamente ao nível do *Burnout* ...

No que respeita aos alunos, a título de exemplo, no âmbito do Projeto EFERAM-CIT (que explicitaremos mais à frente) realizámos um estudo exploratório com 508 alunos (219 rapazes e 289 raparigas, média de idades 15,14+-2,33), de cinco escolas Básicas e Secundárias, do Concelho do Funchal na Região Autónoma da Madeira (Lopes et al., 2018).

Dos resultados obtidos realçamos que:

- A maioria dos alunos (61,4%) apresentou uma perceção negativa sobre a escola;
- Não se verificaram diferenças em função do género, nem da idade;
- Pelo contrário, a perceção sobre a Educação Física é maioritariamente positiva (73.6%), sendo que as raparigas apresentaram uma perceção mais negativa do que os rapazes ($\chi^2=29,307$; $p<0,001$);
- Com o aumento da idade a perceção negativa aumentou ($r=0,177$; $p<0,001$), essencialmente nos rapazes;
- Verificou-se ainda uma associação positiva entre a perceção sobre a escola e a EF ($r=0,183$; $p=0,004$), sendo que 66.9% dos que têm uma perceção negativa sobre a escola gostam da EF;
- Controlando as análises para o género e a idade, não foram verificadas associações significativas entre o nível de Atividade Física e a perceção sobre a Educação Física.

Em síntese, tendo em conta que basicamente os alunos “não gostam da Escola” (61.4%), mas que até “gostam da Educação Física” (73.7%), é lícito pressupor que existe um potencial de utilização da Educação Física enquanto disciplina e da sua matéria de ensino (o desporto no sentido lato) como polos atractores de dinâmicas pedagógicas integradoras e transformadoras que se queiram desenvolver no âmbito escolar.

RESPOSTA AO PROBLEMA

Como forma de responder ao problema, ao nível da formação inicial de professores, no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, com o suporte do Laboratório de Pedagogia do Desporto do Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira e em parceria com a Direção Regional de Educação da Secretaria Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira, decidimos avançar com o Projeto “Educação Física nas Escolas da RAM – Compreender, Intervir, Transformar” (<https://eferamcit.wixsite.com/eferamcit>), visando promover um conjunto de estudos e análises em contexto ecológico e laboratorial, que contribuam para potenciar o valor educativo da Educação Física enquanto meio de transformação dos alunos.

A nossa principal preocupação centra-se na melhoria da qualidade da atividade física e desportiva numa perspetiva de educação para a saúde, na promoção da autonomia, na valorização da criatividade e orientação para a sociabilidade, com o objetivo de contribuir para a formação de Homens com capacidades e competências para se integrarem, pessoal e profissionalmente, num mundo em constante mudança.

A título de exemplo, de forma sucinta, desenvolvemos estudos que procuram:

1. Identificar preditores da motivação em crianças e adolescentes relativamente à Educação Física e à atividade física em geral;
2. Descrever as relações entre o nível de participação nas atividades físicas e desportivas, os fatores de risco para a doença metabólica e a saúde e bem-estar geral;
3. Desenvolver e testar tecnologias interativas, capazes de recolher informação a partir de sensores tecnológicos, para monitorizar e proporcionar biofeedbacks, ajudando os adolescentes a serem mais ativos, mas também auxiliando os professores de Educação Física a melhor individualizar a oferta educativa;
4. Avaliar o efeito de programas de intervenção baseados em modelos de ensino centrados no aluno;
5. Quantificar o efeito das tecnologias interativas na estimulação do interesse das crianças e adolescentes nas atividades físicas e desportivas, assim como na motivação para a adoção de um estilo de vida fisicamente ativo (Lopes, Rodrigues, Correia, Alves, Fernando & Gouveia, 2018).

Ou seja, criamos condições para uma abordagem transdisciplinar potenciando intervenções pedagógicas que desenvolvam de forma lúdica e competitiva, atitudes e valores transversais a diferentes contextos socioculturais.

Pretendemos desenvolver a autonomia, o espírito de iniciativa, a tomada de decisão e a resolução de problemas, a criatividade, a montagem de estratégias, a capacidade de adaptação a diferentes situações e contextos, bem como o sentido crítico e a capacidade de pesquisa de todos os implicados no processo (alunos, professores, investigadores, dirigentes, ...).

Para que os resultados alcançados possam ser operacionalizados e utilizados na melhoria do processo educativo é necessária uma Estratégia (“combate”) escola a escola, turma a turma, aluno a aluno.

É necessário chegar a cada um dos intervenientes, diretos e indiretos, no processo pedagógico, não apenas com discursos eloquentes, exemplos de contextos “distantes”, mas diagnosticando os problemas reais com que dia a dia cada um dos intervenientes se depara nas suas funções e atribuições. Para que isso seja possível, temos de ter dados de cada escola, turma, aluno... Dados creíveis de caracterização, mas também de intervenção.

Para que exista rentabilidade, tem de se operacionalizar um permanente processo de diagnóstico, prescrição e controle do processo pedagógico, numa lógica de conjectura-refutação (no sentido dado por Popper, 1982).

As “pessoas” têm de sentir proximidade e se forem eles próprios atores do processo mais depressa compreendem e ficam sensibilizados para tomar decisões de valorização da área das Expressões em geral e da Educação Física em particular ...

A título de exemplo, uma das opções que temos feito são intervenções pedagógicas contextualizadas, ao nível da utilização do Modelo de Competência nos Jogos Desportivos Coletivos, do Modelo de Educação Desportiva na Ginástica, da abordagem funcional da Dança/ARE e dos Desportos de Combate..., na monitorização da atividade física de forma continuada, etc. (Lopes, Gouveia, Rodrigues, Correia, & Alves, 2018).

Obviamente, não basta atuar na “vertente biológica”, por isso é que estes processos também incluem uma forte aposta na análise da expressão sociocultural e económica da Atividade Desportiva (“da simples corrida à prevenção do AVC”). Ou seja, temos tido a preocupação de atuar ao nível da importância que é percebida pelos alunos e em simultâneo fornecer

instrumentos para que os educadores e professores sejam mais competentes a desenvolver as capacidades e competências de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade desportiva, é um meio privilegiado de transformação das crianças e dos jovens (Lopes & Fernando, 2013). Não reconhecer todas as suas potencialidades (nos diferentes níveis de ensino) é uma clara manifestação de ignorância. Não as saber implementar é assumir que se é incompetente. Conhecer as potencialidades, saber implementá-las e não o fazer ou colocar dificuldades é muito provavelmente um comportamento desonesto.

Temos de fazer a rotura (no sentido dado por Kuhn, 1962) no processo pedagógico que não pode continuar centrado nos programas e nos docentes. A investigação pode e deve dar um importante contributo nesse processo de mudança. Contudo, com a pressão de publicar a todo o custo também não se pode esquecer que os alunos são o foco do processo e não apenas ou essencialmente “amostra” para as ambições académicas e ou para as necessidades institucionais.

Os alunos não podem ser uma nota de rodapé ou um simples parágrafo nos agradecimentos de trabalhos “muito científicos”, mas que depois são essencialmente lidos pelos pares e nunca chegam a ter implicações significativas em termos educativos. Ou seja, pouco ou nada contribuem para melhorar o desenvolvimento personalizado das capacidades e potencialidades de cada um.

A coerência entre o Discurso e Percurso não só é necessária como é essencial para que não se continuem a desperdiçar recursos e a comprometer gerações. Em Educação as soluções milagrosas de curto prazo normalmente estão mais alinhadas com os ciclos políticos ou ambições pessoais que com os reais interesses de uma política educativa sustentável, a médio e longo prazo, ao serviço dos alunos...

Cabe a cada um de nós (em casa, na escola, na universidade, no clube, na administração pública, ou em qualquer outro contexto) optar por um mundo de certezas ou por um mundo de possibilidades.

A dimensão sociocultural e integradora do Desporto, é uma poderosa ferramenta de transformação da Escola, nomeadamente, pela expressão sociocultural ampliada pela mediatização generalizada e pelos imaginários que despoleta, incluindo os relacionados com um glorioso futuro profissional.

Como matéria de ensino, o Desporto, no sentido lato, é um meio privilegiado da compreensão do mundo a partir da exploração e conhecimento dos limites do próprio corpo enquanto ser bio-psico-sociocultural, proporcionando uma melhoria do domínio de si, do domínio de uma relação e do domínio de um contexto ou de um território (Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória, 2008).

As nossas crianças e jovens merecem que sejamos responsáveis (e responsabilizados) nas escolhas que fizermos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. & Vitória, M. (2008). *A Rotura – A Sistemática das Atividades Desportivas*. Torres Novas: Edição VML.

Kuhn, T. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lopes, H., Rodrigues, A., Correia, A., Alves, R., Fernando, C. & Gouveia, É. (2018, no prelo). Educar para a Cidadania num contexto global – o Desporto como instrumento de atuação. In *Europa, Educação, Cidadania* Funchal: Universidade da Madeira.

Lopes, H., Gouveia, É., Marques, A., Gouveia, B., Fernando, C., Vicente, A., Correia, A., Alves, R. & Rodrigues, A. (2018). A perceção dos alunos sobre a Escola e sobre a Educação Física. *Journal of Sport Pedagogy and Research* 4(2) 42.

Lopes, H. & Fernando, C. (2013). A importância do desporto no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista Diversidades*, 11 (41), 6-9

Lopes, H., Gouveia, É., Rodrigues, A., Correia, A. & Alves, R. (Coord.) (2018). *Didática da Educação Física: perspetivas, interrogações e alternativas*. Funchal: Universidade da Madeira.

Popper, K. (1982). *Conjecturas e Refutações* (2ª ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.